

ENTRE O SER E O PARECER: LADY SUSAN E A CONFIGURAÇÃO NARRATIVA DA MULHER IMPRÓPRIA NO SÉCULO XVIII

Milene de Almeida SILVA*
Solange Peixe Pinheiro de CARVALHO**

■ **RESUMO:** Este artigo examina a configuração identitária de Lady Susan, protagonista do romance epistolar de Jane Austen, à luz da Semiótica francesa e da teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur. A partir da análise discursiva proposta na dissertação *A identidade feminina interior e exterior de Lady Susan* (Silva, 2021), o estudo evidencia como a protagonista se constrói na tensão dialética entre as instâncias do *ser* e *parecer*. Ao operar as categorias do quadrado da veridicção (Greimas; Courtés, 1979), Lady Susan instaura um estilo existencial — ou *forma de vida* — que rompe deliberadamente com as normatividades de gênero vigentes na sociedade inglesa setecentista. Com um *idem* sustentado pela nobreza, beleza e eloquência, e um *ipse* orientado pelo desejo de autodeterminação (Ricoeur, 2006), Lady Susan constrói uma narrativa de si que combina manipulação discursiva e autonomia interna. Suas estratégias epistolares revelam tanto a consciência dos mecanismos sociais que regulam o feminino quanto sua habilidade em subvertê-los, aproximando a personagem dos debates sobre poder, corpo e normatividade formulados por Michel Foucault (1978, 1985, 1986), Simone de Beauvoir (1970) e Virginia Woolf (1942). Ao reposicionar Lady Susan como figura anti-heroica e impropriamente feminina para sua época, o estudo evidencia como o romance instaura uma crítica implícita às coerções de gênero, expandindo as possibilidades interpretativas sobre feminilidade, agência e performatividade na obra de Austen.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Lady Susan. Jane Austen. Semiótica. Identidade Feminina. Formas de Vida.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mile321@usp.br

** Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH-USP, 2011); Pós-doutora em Estudos da Tradução (FFLCH-USP, 2016) e Doutora em Estudos Literários e Culturais (FFLCH-USP, 2023). E-mail: solangepinheiro@alumni.usp.br

Introdução

A escrita epistolar de *Lady Susan*¹, romance atribuído ao período inicial da produção literária de Jane Austen, apresenta uma protagonista cuja identidade feminina se constrói em tensão permanente com os modelos normativos da sociedade inglesa do final do século XVIII. Diferentemente das heroínas que viriam a consolidar o reconhecimento crítico da autora, Lady Susan atua no interior de convenções sociais que ela domina, manipula e frequentemente subverte, o que a torna uma figura problemática para leituras morais ou sentimentais tradicionais.

Essa singularidade pode ser descrita, em termos semióticos, como o resultado de uma articulação sistemática entre *ser* e *parecer*, categorias centrais do regime da veridicção tal como formulado por Greimas e Courtés (1979). Ao longo do romance, a protagonista constrói imagens de si que oscilam entre a adequação estratégica às expectativas sociais e a afirmação de uma vontade própria que se manifesta de modo recorrente em suas escolhas e modos de agir.

A análise desenvolvida na dissertação *Identidade narrativa da protagonista na forma epistolar: estudo sobre a obra Lady Susan, de Jane Austen* (Silva, 2021) demonstrou que essa oscilação não deve ser compreendida como incoerência psicológica, mas como efeito discursivo resultante da conjunção entre um *idem* sustentado por atributos socialmente valorizados — como nobreza, beleza e eloquência — e um *ipse* orientado pelo desejo de autodeterminação (Ricoeur, 2006). Segundo essa perspectiva, Lady Susan apresenta-se como um sujeito capaz, no sentido ricoeuriano do “eu posso”, cuja identidade se constrói narrativamente no entrelaçamento entre permanência e ação (Ricoeur, 2006, p. 111–115).

No nível discursivo, a protagonista se move de maneira marcada entre os polos do quadrado semiótico. A análise semiótica apontou que Lady Susan permanece frequentemente no domínio da categoria /identidade/, uma vez que, como apontado na dissertação (Silva, 2021), Lady Susan não busca adequar-se ao papel feminino social; ao contrário, sustenta um agir orientado por sua própria vontade, sem subordinar-se ao decoro, esta heroína demonstra uma “[...] vontade de poder incorrigível, sua vivacidade, sua rebeldia erótica, seu desprezo triunfante por todo o ‘nonsense romântico’ que mantém outras mulheres submissas [...] uma autoridade feminina subversiva que Austen não consegue, de modo algum, condenar plenamente”² (Austen, 1998, p. xxvii-xxvi, tradução nossa). Essa postura, sustentada por uma forma de vida autônoma, a possibilita manejar estrategicamente máscaras

¹ Convém esclarecer que *Lady Susan* corresponde ao título da obra epistolar de Jane Austen, a qual leva o nome de sua protagonista. Ao longo deste artigo, o uso de *Lady Susan* em itálico refere-se à obra, enquanto a forma sem itálico diz respeito à personagem homônima.

² Texto original: “[...] incorrigible will to power; her gaiety, her erotic rebelliousness, her triumphant contempt for all the ‘romantic nonsense’ that keeps other women subservient [...] a subversive female authority that Austen cannot bring herself wholeheartedly to condemn”.

quando necessário, sobretudo para evitar sanções negativas no espaço social. Assim, ao declarar que “pretende conquistar o coração da cunhada por meio das crianças” (Austen, 2017, p. 57, tradução **), a personagem opera conscientemente dentro da lógica das expectativas normativas do feminino, ao mesmo tempo em que as subverte por meio de seu cálculo e de sua performatividade.

Partindo desse quadro teórico, o presente artigo não se propõe a retomar integralmente o percurso analítico da dissertação, mas a examinar um problema pontual: de que modo a protagonista sustenta uma coerência identitária própria mesmo quando suas ações sociais assumem formas dissimuladas, performáticas ou moralmente reprováveis. Argumenta-se que essa coerência se manifesta por meio de uma *forma de vida* (Greimas; Fontanille, 1993; 2014) fundada na recorrência de escolhas e exclusões que organizam sua existência narrativa, ainda que tal forma de vida se apresente como desviada em relação às normatividades de gênero de sua época.

Nesse sentido, as estratégias epistolares de *Lady Susan* revelam não apenas a consciência dos mecanismos sociais que regulam o feminino — amplamente discutidos por Simone de Beauvoir (1970) e Michel Foucault (1978; 1985; 1986) —, mas também a habilidade da personagem em operar no interior desses mecanismos de modo estratégico. A crítica de Virginia Woolf (1942) ao ideal do “Anjo do Lar” oferece, nesse contexto, um contraponto histórico relevante, ao evidenciar o modelo de feminilidade contra o qual a protagonista se posiciona de forma sistemática.

Ao mobilizar a Semiótica francesa e a teoria da identidade narrativa, este artigo busca, portanto, demonstrar como *Lady Susan* instaura uma reflexão crítica sobre identidade, performatividade e poder, ao construir uma personagem feminina cuja atuação desafia os limites entre autenticidade e encenação, *ser e parecer*, submissão e afirmação de projetos próprios.

Referencial Teórico e Metodológico

A leitura semiótica e narrativa de *Lady Susan* apoia-se em três operadores conceituais centrais: (1) a teoria semiótica greimasiana, especialmente as modalidades veridictórias, (2) a teoria da identidade narrativa de Ricoeur e (3) a crítica social e axiológica do feminino na Inglaterra do século XVIII, articulada a autoras como Simone de Beauvoir, Virginia Woolf e o autor Michel Foucault.

A análise desenvolvida neste artigo inscreve-se no campo da semiótica francesa, tal como formulada por Greimas e sistematizada em colaboração com Courtés, no *Dicionário de Semiótica* (1979) e, posteriormente, no desdobramento passional com Fontanille em *Semiótica das Paixões* (1993) entre outros trabalhos. A fundamentação foca-se, especialmente, no que se refere à noção de texto como objeto de significação e à produção de efeitos de sentido. Parte-se do pressuposto

de que a identidade de uma personagem literária não se apresenta como essência psicológica prévia, mas como efeito de sentido construído discursivamente, resultante da organização interna do texto e de seus mecanismos narrativos e discursivos. Nesse enquadramento, a análise privilegia os procedimentos que permitem descrever *o que o texto diz e os modos como diz*, considerando o texto como um “todo de sentido” (Greimas; Courtés, 1979), estruturado por relações semânticas e sintáticas que produzem coerência e inteligibilidade.

Como observa a professora Diana Luz Pessoa de Barros, “não basta reconhecer que ‘este é um discurso em primeira pessoa’, mas é preciso, pela análise completa do texto, explicar as razões dessa escolha e quais os efeitos que, com essa opção, se obtêm” (2005, p. 60). É nesse horizonte que se mobiliza o regime da *veridicção* — articulado pelas categorias de *ser*, *parecer*, *não-ser e não-parecer* — como operador analítico central para a descrição dos *efeitos de verdade* construídos no discurso, entendidos não como correspondência direta com uma realidade exterior, mas como resultado de contratos semióticos inscritos na própria organização textual.

Nesse enquadramento, a oposição entre *ser* e *parecer* não é tomada como simples dicotomia moral ou psicológica, mas como operador analítico que permite descrever a circulação de valores, crenças e sanções no interior da narrativa. A *veridicção* é compreendida, portanto, como um regime de leitura do *verdadeiro* e do *falso* no discurso, dependente de contratos implícitos entre sujeitos, e não como correspondência direta entre linguagem e realidade (Greimas; Courtés, 1979). É a partir desse regime que se examinam as *estratégias discursivas* mobilizadas por Lady Susan no espaço epistolar, sobretudo no que diz respeito à construção e à manipulação de imagens de si. Parte da análise, portanto, recai no modo como a protagonista, constrói nos textos de suas cartas para os demais personagens, manuseando as categorias *ser* e *parecer*, para atingir propósitos e *efeitos de sentido* distintos.

Associado a esse eixo, o artigo mobiliza o conceito de *forma de vida*, tal como desenvolvido por Greimas e Fontanille, especialmente a partir da obra *Semiótica das Paixões* (1993) e expandido em trabalhos posteriores como *O Belo Gesto* (2014)³. Longe de designar um traço psicológico ou comportamental isolado, o belo gesto “não pode ser normatizado, a não ser que ele se torne um comportamento convencional pertencente a uma moral social. Na medida que ele funda uma moral pessoal, ele só poderia depender da “ética”, no sentido de Paul Ricoeur.” (Greimas; Fontanille, 2014, p. 24). Enquanto o conceito de *forma de vida* pode ser compreendido resumidamente como uma “recorrência nos comportamentos e no projeto de vida do sujeito” (Greimas; Fontanille, 2014, p. 30); em outras palavras, a *forma de vida* segue decorrente de *belos gestos* os quais inauguram uma coerência

³ Originalmente publicado em 1993.

na existência, como uma maneira de *ser* e de *aparecer* que se manifesta por escolhas e por exclusões individualizadas.

Nesse sentido, a identidade da protagonista Lady Susan pode ser descrita como a de um “ser natural” que exprime um “grito de alegria libertária ou sufocação do peixe fora d’água” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 22), e apreendida como uma *coerência deformante*⁴. Tal conceito permite identificar a unidade axiológica subjacente às múltiplas máscaras sociais assumidas pela personagem na obra de Austen, evidenciando que a variação performativa de suas ações não implica instabilidade identitária. Ao contrário, suas manobras discursivas obedecem a um projeto existencial consistente, em que a “deformação” — ou seja, a seleção rigorosa de valores e atitudes — garante a manutenção de seu estilo de presença perante os outros personagens.

No plano enunciativo, a análise considera ainda a noção de *ethos*, conforme trabalhada no interior da semiótica discursiva, como efeito de imagem produzido pelo discurso e atribuído a um sujeito enunciador, entendido como a imagem do sujeito que emerge do próprio dizer, uma vez que, o *ethos* corresponde à “imagem de um orador colhida pelo auditório a partir daquilo que é dito” (Discini, 2016, p. 26). No caso de *Lady Susan*, o *ethos* varia conforme o destinatário das cartas, mas mantém regularidades que permitem identificar uma lógica estratégica de adequação e dissimulação. A articulação entre esses operadores semióticos é complementada pela teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur, particularmente pela distinção entre *idem* e *ipse*.

Por fim, autores como Simone de Beauvoir, Virginia Woolf e Michel Foucault são mobilizados exclusivamente no plano da contextualização axiológica e histórica. Suas contribuições não operam como método de análise textual, mas como horizonte crítico para a compreensão das normas, expectativas e dispositivos sociais que regulam a feminilidade no contexto inglês do século XVIII. Esses referenciais permitem situar os valores em jogo na narrativa sem deslocar o eixo analítico da semiótica, que permanece como fundamento central do exame do corpus.

Dessa forma, o percurso metodológico adotado neste artigo articula descrição estrutural, análise discursiva e contextualização axiológica, mantendo como princípio a primazia do texto e de seus mecanismos de significação. A identidade de

⁴ O termo *coerência deformante* refere-se à maneira como uma “forma de vida” se define. É mencionada por Greimas e Fontanille como “deformação coerente que ela induz a todos os níveis do percurso de individuação: nível sensível e tensivo, nível passional, nível axiológico, nível discursivo e aspectual, etc.” (2014, p. 30-31). Ou seja, o sujeito seleciona e organiza os acontecimentos sob uma lógica própria. Não se trata de “deformação” no sentido negativo de erro, mas sim de uma “formatação” ou “estilização”: o sujeito escolhe determinados valores (axiologia) e os aplica de forma tão persistente que essa repetição acaba por dar uma forma única e reconhecível a toda a sua existência, filtrando a realidade através desse estilo pessoal.

Lady Susan é, assim, apreendida como efeito narrativo e discursivo, construído no espaço tenso entre ser e parecer, e inteligível apenas a partir das relações estruturais que organizam seu dizer e seu agir.

Semiótica francesa: veridicção, formas de vida e dinâmica identitária

A investigação parte do quadrado semiótico das modalidades veridictórias (Greimas; Courtés, 1979, p. 488), conforme mobilizado na dissertação (Silva, 2021). Essa ferramenta possibilita descrever os efeitos de sentido entre *ser*, *parecer*, *não-ser* e *não-parecer*, instrumentais para compreender a oscilação constante de Lady Susan entre a identidade que encena e a identidade que preserva. Como observou o estudo, a protagonista desloca-se entre categorias contrárias e contraditórias, construindo uma narrativa socialmente eficaz, mas semanticamente instável, sobretudo quando manipula a percepção alheia (Silva, 2021).

Associado a isso, emprega-se o quadrado da Dinâmica Identitária de Eric Landowski (2002), citado na dissertação via Saraiva (2011). Esse modelo articula **alteridade** e **identidade** como eixos relacionais, permitindo analisar como Lady Susan maneja o pertencimento social, adequando-se externamente ao papel feminino normativo para obter sanções positivas, mesmo quando tal papel contradiz sua *ipseidade* (Silva, 2021, p. 76–82).

O conceito de **forma de vida** (Fontanille; Greimas) também se mostra fundamental, pois orienta a leitura da coerência prática e axiológica da personagem. Na semiótica, a *forma de vida* designa o modo como um sujeito organiza e manifesta seu sistema de valores e competências através de práticas e discursos — estabelecendo, assim, uma coerência ética e prática de sua existência. Sua relevância para a análise é demonstrar que, por trás das máscaras sociais de Lady Susan, há um **projeto existencial unificado** e intencional. Lady Susan constrói, performa e sustenta uma forma de vida fundada na astúcia e na autonomia estratégica, que lhe permite atuar nos interstícios da ordem social sem se submeter plenamente a ela.

Identidade narrativa: *idem*, *ipse* e adscrição

O arcabouço ricoeuriano (Paul Ricoeur, 2006) ilumina o modo como a personagem administra seus impulsos, promessas e autoimagem. A dissertação destacou que Lady Susan sustenta “hábitos estáveis” associados à identidade *idem*, ao passo que sua ação narrativa projeta um *ipse* orientado pelo desejo e pela promessa.

É a dialética entre esses dois polos que fundamenta sua atuação: uma mesmidade que ancora seu papel social e uma *ipseidade* que tensiona e, às vezes, contraria essa aparência. A noção de *adscrição*, central em Ricoeur, ilumina o vínculo ético entre a ação e seu agente. O conceito responde à questão “quem fez a ação?” ao imputar a

responsabilidade da ação (e suas intenções) ao sujeito que a realizou. Essa ideia foi usada na tese para evidenciar os vínculos entre ação, intenção e responsabilidade da protagonista (Ricoeur, 2006, p. 113), reforçando que Lady Susan é plenamente autônoma e responsável por sua forma de vida e suas escolhas.

Perspectiva crítica do feminino no século XVIII

A análise incorpora os debates de Simone de Beauvoir (1967; 1970) sobre a construção social da feminilidade. Ao trazer a correlação entre indivíduo e sociedade para a gênese dos conceitos de sexualidade e gênero, a autora propõe em *O Segundo Sexo* a clássica afirmação: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Simone De Beauvoir, 1967, p. 9). Essa proposição convida o leitor a pensar a identidade feminina não como essência biológica, mas sim como uma construção social e simbólica — e, portanto, uma *performance* — que é central para entender a manipulação de máscaras de Lady Susan. A análise também utiliza, crucialmente, a crítica de Virginia Woolf (1942) ao ideal do “Anjo do Lar” (*Angel in the House*), que descreve esta figura como a representação hegemônica da mulher vitoriana/georgiana, que deveria ser puramente abnegada, compassiva e domesticada, existindo apenas para o conforto e a valorização do homem. O posicionamento desviante de Lady Susan em relação a esse arquétipo é o que permite à personagem compor uma crítica direta. Michel Foucault (1978, p. 89) rompe com a visão repressiva do poder, argumentando que este “não é uma substância. Não é um atributo. É o nome que se dá a uma situação estratégica complexa numa sociedade dada”. Essa abordagem estratégica é crucial, pois permite ir além da simples denúncia de opressão e entender a inteligência tática de *Lady Susan* ao manejar as normas sociais. A protagonista domina o saber produzido pelo poder (as regras de decoro) e o utiliza como uma tática para produzir efeitos discursivos vantajosos, explorando as fissuras desse sistema de controle de condutas (Silva, 2021).

Procedimentos metodológicos

A organização do *corpus* epistolar seguiu a segmentação adotada na tese: grupos de cartas definidos pela posição enunciativa — cartas à família De Courcy, cartas a Alicia Johnson e cartas gerais — com o intuito de investigar como cada interlocutor constrói efeitos de verdade ou de falsidade sobre a protagonista. A metodologia articula:

- análise das modalidades veridictórias para mapear o percurso do *ser/parecer*,
- análise enunciativa dos *ethos* construídos nas diferentes perspectivas,
- leitura narrativa dos conflitos entre *idem* e *ipse*,
- articulação entre valores sociais e formas de vida.

Análise

A análise organiza-se em três movimentos principais: (1) o jogo veridictório nas cartas, (2) a forma de vida e os desvios axiológicos e (3) as máscaras sociais como operadores de manipulação narrativa.

Entre ser e parecer: o percurso veridictório

Seguindo o quadrado da veridicção, a dissertação demonstrou que Lady Susan ocupa predominantemente as combinações *parecer/não-ser* e, quando deseja atrair confiança, desloca-se para *parecer/ser* — mas raramente para ser sem mediação estratégica. Um caso exemplar é sua relação com Reginald, que percorre “praticamente uma volta completa no quadrado veridictório” (Silva, 2021, p. 83).

A personagem Reginald passa da suspeita inicial (*não-parecer/não-ser*) ao encantamento (*parecer/ser*), retornando depois à percepção da falsidade — demonstrando o poder da protagonista em manipular valores, crenças e paixões alheias.

Formas de vida e desvios axiológicos

A forma de vida de Lady Susan evidencia uma coerência interna marcada pela primazia do desejo, da astúcia e do cálculo. Como observou a tese, sua ipseidade impulsiona ações contrárias ao que representa socialmente. Ela domina códigos sociais, mas os usa como instrumentos de vantagem, não de pertencimento. Esse desvio axiológico manifestava-se, por exemplo, em:

- sua relação instrumental com a maternidade,
- a concepção pragmática do casamento,
- a sedução como recurso de poder,
- a recusa sistemática de qualquer submissão moral.

Em sua totalidade, a forma de vida de Lady Susan opera como um contraponto prático e discursivo ao ideal do “Anjo do Lar”. Enquanto a norma social impunha a docilidade, a protagonista escolhe a astúcia como virtude. O seu uso instrumental da maternidade e do casamento, por exemplo, reflete a recusa em aceitar a servidão moral associada à figura feminina hegemônica. A manipulação de regras sociais, longe de ser um vício secundário, configura-se como a principal ferramenta de agência de uma mulher que, desprovida de poder econômico e político, utiliza a linguagem e a performance de gênero para criar sua própria forma de vida, tensionando o sistema de controle de condutas analisado por Foucault. Esse

desvio axiológico transforma o romance em um comentário cáustico sobre o que a sociedade espera da mulher e o que ela é capaz de ser.

Máscaras sociais e *ethos*

No nível enunciativo, o artigo recupera a constatação da tese de que *Lady Susan* maneja máscaras sociais conforme o interlocutor. As cartas a Alicia Johnson revelam o *ethos* autêntico, francamente estratégico, enquanto as cartas aos Vernon e aos De Courcy exibem um *ethos* modulado, cortês, maternal e até afetuosos — sempre com fins persuasivos. A protagonista, afirmou o estudo, é capaz de alterar os outros, mas não a si mesma o que reforça o predomínio de um eixo identitário estável (*idem*) sustentado pela performance contínua de uma máscara social calculada (*alteridade*).

Considerações Finais

A leitura semiótica e narrativa de *Lady Susan* permite compreender a personagem como uma figura cuja identidade se constrói na tensão permanente entre ser e parecer, categorias fundamentais do regime da veridicção. Ao longo do romance, *Lady Susan* mobiliza máscaras sociais distintas conforme o interlocutor e a situação discursiva, mas essa variação não compromete a unidade de seu projeto existencial. Ao contrário, como demonstrado na dissertação de Silva (2021), suas escolhas reiteradas revelam uma coerência profunda orientada pela ipseidade, ainda que expressa por meio de estratégias dissimuladas.

A articulação entre *idem* e *ipse*, nos termos de Paul Ricoeur (2006), mostra-se decisiva para compreender essa dinâmica. Se, por um lado, a protagonista preserva atributos estáveis que garantem sua legibilidade social, por outro, ela se afirma como sujeito responsável por suas ações, assumindo plenamente as consequências de suas escolhas. A noção ricoeuriana de adscrição permite, assim, compreender *Lady Susan* como agente ético de sua própria narrativa, cuja identidade não se reduz à aparência social que encena.

Nesse enquadramento, o conceito de *forma de vida*, tal como desenvolvido por Greimas e Fontanille (1993; 2014), oferece um operador analítico fundamental. Conforme afirmam os autores, a forma de vida corresponde a uma recorrência de comportamentos e escolhas que instauram uma coerência existencial, manifestada por meio de seleções axiológicas e exclusões individualizadas (Greimas; Fontanille, 2014, p. 30). Em *Lady Susan*, essa coerência assume a forma de uma *coerência deformante*, na medida em que se constrói por desvio em relação às normas morais e sociais do período, sem, contudo, perder sua unidade interna.

Se a análise semiótica revelou o refinamento técnico dessa personagem, sua inserção no conjunto da obra de Austen aponta para algo mais amplo: uma crítica

social incisiva. Austen sempre tensionou as estruturas de poder que restringiam a vida das mulheres, denunciando a precariedade da condição feminina e a violência simbólica que sustentava a ordem patriarcal. Em *Lady Susan*, essa crítica assume forma particularmente mordaz, expondo, por meio da audácia da protagonista, a falsidade das convenções sociais e o caráter opressivo dos papéis impostos às mulheres.

Nesse panorama, Lady Susan ocupa um lugar singular, no qual a jovem autora parece hesitar quanto ao posicionamento que assume em relação à própria protagonista. Uma evidência dessa ambivalência é o fato de Lady Susan concluir o romance sem sofrer qualquer punição por suas “travessuras imorais”, o que permite que a personagem seja lida, por muitos, como uma vilã — ainda que também como uma sobrevivente que se recusa a aceitar o papel de vítima passiva (Austen, 1998 p. xxvii). Enquanto outras protagonistas maduras de Austen oferecem resistência pela moral, pela integridade ou pela recusa calculada (como Elizabeth Bennet em *Orgulho e Preconceito*), a personagem evidencia, assim, aquilo que a dissertação identificou como um caso exemplar de feminino impropriamente codificado, capaz de expor a deterioração do exercício social e a fragilidade dos dispositivos normativos que regulavam a conduta feminina no século XVIII (Silva, 2021). A crítica de Simone de Beauvoir (1970) à naturalização dos papéis femininos e a análise foucaultiana dos mecanismos de poder e controle das condutas (Foucault, 1978; 1985; 1986) permitem situar essa figura em um horizonte mais amplo de reflexão sobre gênero, poder e subjetividade.

Essa postura anti-heroica a torna uma figura que antecipa a modernidade e as figuras femininas complexas que, mais tarde, aparecerão em segundo plano, como Mary Crawford (*Mansfield Park*) e Isabella Thorpe (*Northanger Abbey*). É relevante considerar que, segundo estudiosos da Literatura Inglesa, Austen escreveu *Lady Susan* durante sua adolescência, e o romance só foi publicado postumamente em 1871, 54 anos após sua morte. Essa exclusão sugere a hipótese de que Austen poderia ter considerado a crítica explícita e a mordacidade da protagonista excessivas para a aceitação social de seu tempo, optando, em suas obras publicadas em vida, por um tom mais sutil. Tal circunstância reforça, portanto, a pertinência de investigações dedicadas a essa protagonista, ainda relativamente pouco explorada pela crítica especializada.

Ao construir uma protagonista que resiste não pela moral ou pela abnegação, mas pela astúcia, pela linguagem e pela gestão estratégica de si, Austen antecipa debates que permanecem centrais na crítica literária contemporânea. *Lady Susan* revela, assim, não apenas um experimento narrativo singular, mas uma denúncia sofisticada das restrições impostas às mulheres de sua época, expondo a dissonância entre as formas de vida possíveis e aquelas socialmente permitidas.

SILVA, M.A.; CARVALHO, S.P.P. *Between being and seeming: Lady Susan and the narrative configuration of the improper woman in the 18th century*. Itinerários, Araraquara, n. 62, p. 215-228, jan./jun. 2026.

■ **ABSTRACT:** *This article examines the identity configuration of Lady Susan, the protagonist of Jane Austen's epistolary novel, through the lens of French Semiotics and Paul Ricoeur's theory of narrative identity. Drawing on the analytical framework developed in the dissertation A identidade feminina interior e exterior de Lady Susan (Milene de Almeida Silva, 2021), the study demonstrates that the character is constructed through a complex articulation between being and seeming, moving within the semiotic square of veridiction (Algirdas J Greimas; Joseph Courtés, 1979) and projecting a way of life that diverges from the normative expectations imposed on eighteenth-century English women. With an idem grounded in noble lineage, beauty and eloquence, and an ipse oriented toward self-determination (Paul Ricoeur, 2006), Lady Susan produces a self-narrative that combines discursive manipulation with internal autonomy. Her epistolary strategies reveal both an acute awareness of the social mechanisms regulating femininity and a deliberate subversion of them, aligning the character with debates on power, normativity, and the female body developed by Michel Foucault (1978, 1985, 1986), Simone De Beauvoir (1970), and Virginia Woolf (1942). By repositioning Lady Susan as an anti-heroic and improperly feminine figure, this article highlights how the novel implicitly critiques gender constraints while expanding interpretive possibilities concerning femininity, agency, and performativity in Austen's work.*

■ **KEYWORDS:** *Lady Susan. Jane Austen. Semiotics. Female Identity. Ways of life.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dayana Celestino de. **Estudo semiótico sobre o remorso**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 2, n. 1, 2010.

AUSTEN, Jane. **A abadia de Northanger / Northanger Abbey**. Edição bilingue. São Paulo: Landmark, 2009.

_____. **Northanger Abbey, Lady Susan, The Watsons, Sanditon**. Edited and with notes by John Davie and an Introduction by Terry Castle. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. **Lady Susan**. Tradução de Bibiana Almeida. São Paulo: Grua Livros, 2017.

_____. **Mansfield Park**. Edição bilingue. São Paulo: Landmark, 2010.

_____. **Orgulho e Preconceito / Pride and Prejudice**. Edição bilingue. São Paulo: Landmark, 2010.

_____. **Persuasão / Persuasion**. Edição bilingue. São Paulo: Landmark, 2008.

_____. **Razão e Sensibilidade / Sense and Sensibility**. Edição bilingue. São Paulo: Landmark, 2010.

_____. **Selected Letters, 1796–1817**. Edited by R. W. Chapman. Oxford: Oxford University Press, 1955.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. Editora PARMA LTDA, 4ª edição. São Paulo, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. 1. Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. **O segundo sexo. 2. A Experiência Vivida**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BIAJOLI, Marcelo. **Jane Austen e os Estudos de Gênero no Século XXI**. *Cadernos Pagu*, n. 52, 2018.

DISCINI, Norma. **Éthos e estilo**. In: LIMA, Eliane Soares de; GEBARA, Ana Elvira Luciano; GUIMARÃES, Thayse Figueira (org.). *Estilo, éthos e enunciação*. Franca: Unifran, 2016. p. 16–57.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 13.a Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **History of Sexuality – Volume 1: An introduction**. Tradução do Francês por Robert Hurley. Pantheon Books, New York, 1978.

_____. **The Use of Pleasure – Volume 2 of The History of Sexuality**. Tradução do Francês por Robert Hurley. Vintage Books, New York, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic**. New Haven; London: Yale University Press, 1979, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Trad. Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1973.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis

da Silva, Maria José Castagnetti Sembra, Tieko Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

GREIMAS, Algirdes; FONTANILLE, Jacques. **O belo gesto**. *Revista Recherches Sémiotiques*. Semiotic Inquiry, v.13, n.1-2, p.-21-35, 1993 (Original). Em NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; ABRIATA, Vera Lucia Rodella (Orgs.). **Formas de Vida: Rotina e acontecimento**. Ribeirão Preto: Editora Coruja, 2014.

_____. **Semiótica das Paixões, dos estados de coisas aos estados de alma**. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Editora Ática, 1993.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. **Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensório e a identidade narrativa**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero, sexualidade e saúde. In: **Saúde, Sexualidade e Reprodução – compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997. p. 101–110.

IRIGARAY, Luce. **This Sex Which Is Not One**. Trad. Catherine Porter; Carolyn Burke. Ithaca; New York: Cornell University Press, 1977.

JALLAND, Patricia; HOOPER, John. **Women from Birth to Death: The Female Life Cycle in Britain, 1830–1914**. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press International, 1986.

JENKINS, Elizabeth. **Jane Austen: A Biography**. Pellegrini & Cudahy, 1949.

JODELET, Denise. “O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais.” *Connexions – Sociedade e Estado*, v. 24, n. 3, p. 679–712, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>. Último acesso em 03 janeiro 2026.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação.

JOHNSON, Claudia L. **Jane Austen: Women, Politics and the Novel**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

KAUVAR, Elaine M. Jane Austen and the Female Quixote. In: **Studies of the Novel**, v. 2, n. 2, p. 211–221, 1970.

KNATCHBULL-HUGESSEN, Edward; BRABOURNE, Lord. **Letters of Jane Austen — Volume 1**. New York: Cambridge University Press, 2009.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro Ensaio de sociosemiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

RICOEUR, Paul. **Percorso do reconhecimento**. Trad. L. C. Susin. São Paulo: Loyola, 2006.

SARAIVA, José Américo Bezerra. **Sujeito do discurso, crise de identidade e poéticas contemporâneas**. Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol. 9.n.2, dezembro de 2011. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/4715/4192>>. Último acesso em 12 de outubro de 2011.

SILVA, Milene de Almeida. *Identidade narrativa da protagonista na forma epistolar: estudo sobre a obra Lady Susan, de Jane Austen*. 2021. 210 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos femininas**. E-book L&PM Pocket, trad. de Denise Bottmann, 2012. Publicado originalmente em *A morte da mariposa*, 1942.

